

# PAULO FREIRE FALA COM MARCIO D'OLNE CAMPOS

## RELENDO O MUNDO

- **PAULO FREIRE.** Muitas vezes comparamos nossas experiências de trabalho de alfabetização. As lições que você aprendeu de sua pesquisa em etnociência coincidem em muitos aspectos com o que chamei de "ler o mundo".  
Eu sempre insisti que a alfabetização, pensada em termos de leitura de palavras, deve necessariamente ser precedida pela "leitura" ou "decifração" do mundo ao nosso redor. Aprender a ler e escrever é o mesmo que "reler" o mundo de nossa experiência. Nunca se deve esquecer que, muito antes de começar a aprender a formar letras, os mais jovens aprenderam a falar, a manipular a linguagem oral. Através de sua experiência familiar, eles "leem" a realidade do mundo ao redor deles muito antes de escreverem sobre ela. Depois, eles simplesmente escrevem o que aprenderam a dizer.  
Qualquer processo de treinamento em alfabetização deve levar em conta esse fato histórico e social e usá-lo sistematicamente, de modo a incentivar os alunos a praticar a expressão oral, que é inseparavelmente ligada ao que chamo de "ler o mundo". De fato, é essa primeira leitura do mundo que incita as crianças a expressar, por meio de sinais e sons, o que aprenderam com o universo ao seu redor.  
O trabalho de alfabetização deve adotar essa realidade como seu ponto de partida e se referir a ela sempre que possível, graças à maior leitura de um livro conhecido como leitura e escrita, uma decifração mais profunda, uma "releitura" do mundo depois de descoberta.  
Dependendo da cultura envolvida, esse processo de aprendizado se concentra em duas funções. Por um lado, existe o que pode ser chamado de conhecimento "espontâneo"; por outro, existe conhecimento "rigoroso" ou "científico".  
Em cada um de nós, há um conflito entre os dois. As demandas do rigor nunca são totalmente claras, sintáticas e isentas de influências ideológicas; permanecem sempre traços de tendências ideológicas, no próprio rigor com que negamos nossa própria base ideológica.
- **MARCIO D'OLNE CAMPOS.** Há muito que me interesso pelas diferenças entre os vários tipos de conhecimento popular, tribal e científico. Com relação ao que vocês chamam de "releitura do mundo", o exemplo de vários povos indianos me levou a uma revisão radical da minha concepção do papel do educador. A falta de um sistema de escrita não impediu esses povos de conceber outros métodos para registrar sua visão do mundo e expressar seu relacionamento com o ambiente imediato e o universo em geral. Eles transmitem ornamentos pessoais, ritos, mitos e uso intensivo da palavra falada. Seu envolvimento próximo com o meio ambiente induz o primeiro, original a "leitura do mundo", que antecede a criação, possibilita a criação de sinais e símbolos. A "releitura do mundo" é assim feita através de um sistema de expressão que antecede o simbolismo do alfabeto propriamente dito.  
Este ponto é vital e é quase universalmente aplicável. Em nossa própria sociedade brasileira, por exemplo, personagens aparentemente arbitrariamente selecionados são frequentemente impostos às crianças, às vezes de maneira intimidadora, embora não tenham relação com sua experiência ou o simbolismo que usam para expressá-la. Os educadores nem sempre parecem estar cientes de que pode haver outros símbolos além daqueles que eles querem ensinar aos alunos. A diferença entre professor e aluno é ainda maior no caso de crianças de sociedades

indianas, nas quais o simbolismo original está relacionado a mitos e ritos.

Vejo esse ponto de vista no mundo que é específico para cada um de nós, como o ponto de partida necessário e a outra questão de direito do trabalho de alfabetização. Não podemos pedir às crianças que permaneçam isoladas, como se fossem uma cápsula de aula, enquanto aprendem a ler e escrever, e só mais tarde exigir que elas comecem a "ler" o mundo ao seu redor.

- **P.F.** Quero enfatizar que o ensino deve sempre levar em consideração os diferentes níveis de conhecimento que as crianças trazem consigo quando chegam à escola. Essa bagagem intelectual é uma expressão do que pode ser chamado de identidade cultural e, é claro, está ligada ao conceito sociológico de classe. O professor deve levar em conta essa "leitura inicial do mundo" que as crianças trazem consigo, ou melhor, dentro delas. Para cada criança, isso foi criado com o conjunto de atributos de sua própria casa, localidade e cidade, e é fortemente influenciado pelas origens sociais.

As escolas tendem, quase sempre, a descontar esse conhecimento prévio. Fico sempre espantado com o desdém com o qual as escolas, com algumas felizes exceções, tratam a experiência perceptiva, existencial e "vívida" adquirida pela criança fora da escola. É importante pensar que essa outra forma de linguagem se baseia na maneira de ser, sensibilidade e visão inicial da criança, a partir de sua memória mental e física.

Essa falta de respeito pela experiência da criança tem consequências muito mais deletérias do que geralmente é percebida. Implica em reconhecer toda a inventividade, os cento e um truques artísticos que crianças de origens menos favorecidas empregam para se defender contra um mundo que tende a oprimi-los.

Não sou contra a avaliação dos níveis das escolas de conhecimento. O que eu objeto é o fato de que tais avaliações devem abranger apenas o conhecimento adquirido na escola, como se tivesse sido estabelecido que nada importante acontece fora do horário escolar ou da escola. Nenhuma tentativa é feita para estabelecer um elo suficientemente forte entre o que as crianças aprendem na escola e o que aprendem no mundo exterior.

- **M.C.** O mundo que a criança já está decifrando.
  - **P.F.** E que ele ou ela nunca deixa de decifrar. Essa falta de consideração em relação ao conhecimento derivado da experiência me parece não apenas uma escolha político-ideológica, mas também indicar uma certa competência científica. As escolas são autoritárias e elitistas porque fornecem conhecimento pronto, um pacote que supostamente está completo. Tal concepção do conhecimento é um senso científico, uma falsificação epistemológica. Não existe um sistema fechado de conhecimento. Todo conhecimento é constituído dentro do cenário da história, nunca fora dele. Todo novo conhecimento brota da deterioração do conhecimento anterior, que por sua vez era inovador. O conhecimento nasce quando se tem a humildade de aceitar que esse conhecimento, por sua vez, decairá. Às vezes, certos cientistas parecem esquecer isso.
- Já dissemos isso, nem você nem eu gostaríamos de contar às crianças o conhecimento que elas tinham antes de irem para a escola. Por outro lado, queremos que os alunos aprendam a aprender melhor - o que eles já sabem, para que, por sua vez, se tornem os criadores de novos conhecimentos.

■ **M.C.** Aqui, abordamos um tema que estamos familiarizados, com o papel do erro no processo pedagógico. O epistemólogo francês Gaston Bachelard sugeriu um sistema pedagógico baseado no erro, que envolvia ver os erros não como aberrações de uma mente cansada, mas como um "obstáculo epistemológico", uma barreira ao ato de conhecer e um desafio à realidade da pessoa que o enfrenta. Os erros podem ser vistos como "obstáculos ideológicos" que impedem a existência ou bloqueiam o caminho para o nascimento de novos conhecimentos.

■ **P.F.** O conceito de erro de Bachelard deve ser democratizado. Se todos os educadores considerassem o erro não como uma barreira à compreensão, mas como um obstáculo de natureza ideológica, o próprio erro se tornaria um passo necessário no progresso do conhecimento. Os professores devem, por palavra e ação, mostrar aos alunos que erro não é o sinal de uma lacuna séria no conhecimento ou uma prova de sua incompetência, mas, pelo contrário, um passo legítimo no processo de aprendizagem.

É como alguém que olha primeiro para a direita procurando algo que finalmente encontrará à esquerda. Quando essa inflexão é dada à noção oferecida, todo o relacionamento pedagógico é profundamente alterado. Isso não apenas facilita o conceito de aprendizado para a criança, mas também incentiva que você adote uma abordagem de modo mais inteligente, além de aliviá-lo de alguns dos encargos da autoridade. Sob a concepção autoritária de erro, o erro permite ao professor afirmar seu poder e punir.

■ **M.C.** Punir no significado clássico da palavra.

■ **P.F.** No sentido estritamente clássico, faz escrever centenas de vezes "não vou cometer mais erros"; ficar de castigo; mandar para fora da sala. Esse tipo de pensamento vai além do plano intelectual. Existe o perigo de o aluno ver o erro como uma mancha amoral e cultural, como algum tipo de pecado passível de ser perdoado, de alguma forma ligado às suas origens sociais.

Longe de ser estática, a curiosidade é um movimento perpétuo e simbólico. A mente curiosa não pode se aproximar, apreender ou assimilar o objeto de sua atenção sem sentir o seu caminho ou sem cometer erros. Quando o erro é considerado o resultado lógico da curiosidade, nunca deve ser punido.

Uma vez eliminado esse "complexo de erros", esse sentimento de possibilidade de exclusão, o conhecimento que os alunos trazem deve se tornar parte integrante do diálogo estabelecido entre a turma e o professor. Por sua natureza, o caráter científico envolve momentos de espontaneidade completa. Eu chegaria ao ponto de dizer que o rigor absoluto não existe, mas coexiste com espontaneidade e até daí surge. Nem cientistas nem professores têm o direito de desprezar o que é conhecido como "sabedoria popular" e, mesmo assim, excluí-lo para impor uma explicação supostamente rigorosa do mundo.

O que queremos é um método pedagógico que, embora não rejeite as exigências do rigor, dê margem à espontaneidade e à emoção e adote como ponto de partida o que eu poderia chamar de perceptivo, histórico e social dos alunos "aqui e agora".

■ **M.C.** Gostaria aqui de me referir à minha experiência de "etnociência", que é a etnografia do conhecimento, vista nas práticas de grupos locais, na formulação de conhecimentos e técnicas. Por definição, portanto, é uma disciplina desprovida de qualquer vestígio de etnocentrismo.

Para entender o corpo de conhecimento acumulado por uma cultura minoritária, ele deve ser aprendido por dentro. Primeiro, é preciso explorar a vasta rede de palavras, o mundo das noções básicas que estabelece um vínculo entre o homem e a natureza, específico dessa cultura. Como isso pode ser feito? Ao adotar, desde o início, a posição de um compilador de conhecimento e jogar a carta da espontaneidade. Como educador, devo acrescentar que, ao aceitar a espontaneidade de outras pessoas, apenas aceitamos a nossa. Isso significa compartilhar a cultura da criança na sala de aula.

■ **P.F.** Sim, o ponto de vista ideal é a aceitação da espontaneidade dos outros.

■ **M.C.** Dessa maneira, eu me preparo para um diálogo real. Aprender, sem preconceitos, com um contexto cultural diferente, é a condição fundamental do meu trabalho como etnocietista. Preciso invocar toda a minha engenhosidade, toda a minha frescura mental, se quiser entender as ferramentas de pensamento e ação e as categorias de pensamento inerentes às sociedades tribais. Somente mais tarde e muito gradualmente é possível sistematizar.

Essa experiência, e especialmente meu trabalho sobre o conhecimento de astronomia dos índios da ilha de Búzios, no estado brasileiro de São Paulo, teve uma grande influência no meu trabalho como educador. Aprendi que o que você, Paulo, chama de "vocabulário mínimo" é muito mais vasto do que as palavras reais usadas. A palavra é muito mais que design; é um discurso simbólico e abrangente. A significação simbólica que impregna a comunicação desses grupos de pessoas com seu mundo é tão estruturada quanto sua língua. Ambos se reúnem na decifração do universo e na constituição do conhecimento em temas de reflexão.

É essa relação vital entre natureza e sociedade, uma relação que é a fonte da cultura, que estamos tentando compreender em profundidade. Como professor, o pesquisador científico deve trabalhar no que pode ser chamado de "laboratório da vida". Isso não significa denegrir as instalações científicas disponíveis livros, pesquisas de laboratório, conteúdo do programa, enfim, todo o conhecimento oficial. É, no entanto, essencial colocar esse conhecimento oficial em perspectiva, para garantir que não inflijamos às crianças exercícios abstratos sonhados por pessoas que são insuficientemente competentes.

Em nossa pesquisa, portanto, fomos obrigados a dar importância, como ponto de partida, a noções de espaço e tempo que, em cada caso, fornecem uma estrutura diferente e cor ao nosso ambiente natural e cultural e, assim, formando os bases da nossa presença no mundo.

As questões que colocamos para as várias disciplinas, para os vários repositórios do conhecimento, são formuladas entre as perguntas que essa presença no mundo nos pede.

Tanto na escola quanto no campo, isso se deve a uma abordagem disciplinar. Passamos livremente de um método de exploração de conhecimento para outro.

Graças a essa escuta do mundo, somos capazes de redescobrir e verificar nosso conhecimento em outro contexto cultural do mundo do aluno. Estamos progredindo não em nosso próprio conhecimento, mas no conhecimento de outros.

■ **P.F.** Mais uma vez, é preciso lamentar a abordagem dirigista adotada por muitos educadores. É impossível compreender intuitivamente o conhecimento dos índios de que você tem conhecimento. Em primeiro lugar, você deve influenciar sua personalidade no cenário e nas condições que deram origem a esse conhecimento. É isso que muitos intelectuais se recusam a fazer. Mesmo quando expõem idéias progressistas, suas práticas permanecem profundamente

autoritárias e sua ideologia permanece elitista. Embora, talvez, eles não admitam, para eles apenas o conhecimento institucionalizado é o conhecimento verdadeiro. De fato, eles não veem valor na sabedoria popular, que consideram imperfeita, insignificante e que não vale a pena falar.

Isso me lembra uma anedota bastante reveladora. Foi durante uma reunião em que os métodos de trabalho dos camponeses foram discutidos. Um grupo de intelectuais havia terminado uma longa discussão, quando um camponês se levantou para falar. "Do jeito que as coisas estão indo", disse ele, "não vejo sentido em continuar. Nunca chegaremos a um acordo. Você por lá" e com um gesto bem-humorado, ele enfatizou a distância da classe que separava os dois grupos, apesar de estarem na mesma sala. "você exagerou no preparo com sal, enquanto para nós o que conta é o molho". A sala ficou em silêncio. Os intelectuais se perguntaram perplexos a que ponto chegava o camponês. Seus companheiros, por outro lado, sabiam exatamente o que ele queria dizer e estavam esperando uma resposta.

Em sua linguagem concisa e simples, a resposta camponesa "A discussão está girando em torno de círculos, porque você está olhando apenas para um fragmento da realidade enquanto a vemos como um todo. Estamos pensando nas coisas como um todo sem parar para examinar os detalhes, enquanto vocês, que está sempre falando sobre o imagem geral, estão ficando atolados em detalhes." O sal é apenas um ingrediente no molho, mas simboliza a soma de todos os ingredientes. Essa foi uma metáfora que revelou uma capacidade analítica que certos intelectuais não esperavam encontrar em um camponês.

Na minha opinião, o conhecimento e a competência são apenas de valor sempre relativo, mas, no entanto, considerável se alguém estiver ciente de que eles são, como seres humanos, necessariamente parciais e imperfeitos.

- **M.C.** O fato é que, a partir do momento em que pensamos neles em termos de movimento e não como uma conquista definitiva, todas as formas de conhecimento e competência são, como auxiliado por pais, são constantemente trazidas à questão. Tudo parece indicar que o equilíbrio que buscamos ao tentar construir nosso conhecimento está fadado a ser destruído assim que atingido. Se aceitarmos a ideia de que o conhecimento é um processo contínuo, devemos estar sempre prontos para refazer nossos passos. Aceitamos esse desequilíbrio porque sabemos que é o pré-requisito de um novo equilíbrio.

Essa posição é tão válida para o professor quanto para seu relacionamento com os outros. Esse outro ser que fala com você de uma cultura minoritária marginal, bastante diferente da sua, é capaz de introduzir você no contexto cultural dele ou dela, se você estiver preparado para aceitar o desequilíbrio. O retorno a um estado de equilíbrio depende do contato e do diálogo, e não da falta de pensamento que o deixará isolado em sua chamada competência. Por exemplo, a chave para os treinamentos de alfabetização nesse tipo de interação dinâmica e intensa.

- **P.F.** Que conclusão podemos tirar disso tudo? É o mesmo para todos nós, se somos crianças em idade escolar latino-americanas, estudantes na Ásia ou professores universitários na Europa ou na América: amigo, por favor, nunca perca sua capacidade de admiração e espanto no mundo que você considera e em que vive.